

Aprofundamento em Sociologia

A questão negra: as relações raciais no Brasil

Aula 5
4º Bimestre

Ensino Médio – 3ª Série



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Mapa do componente

Questão indígena
no Brasil

semana
1

Questão indígena
no Brasil

semana
2

semana
3

Você está aqui!

Questão negra no Brasil

semana
4

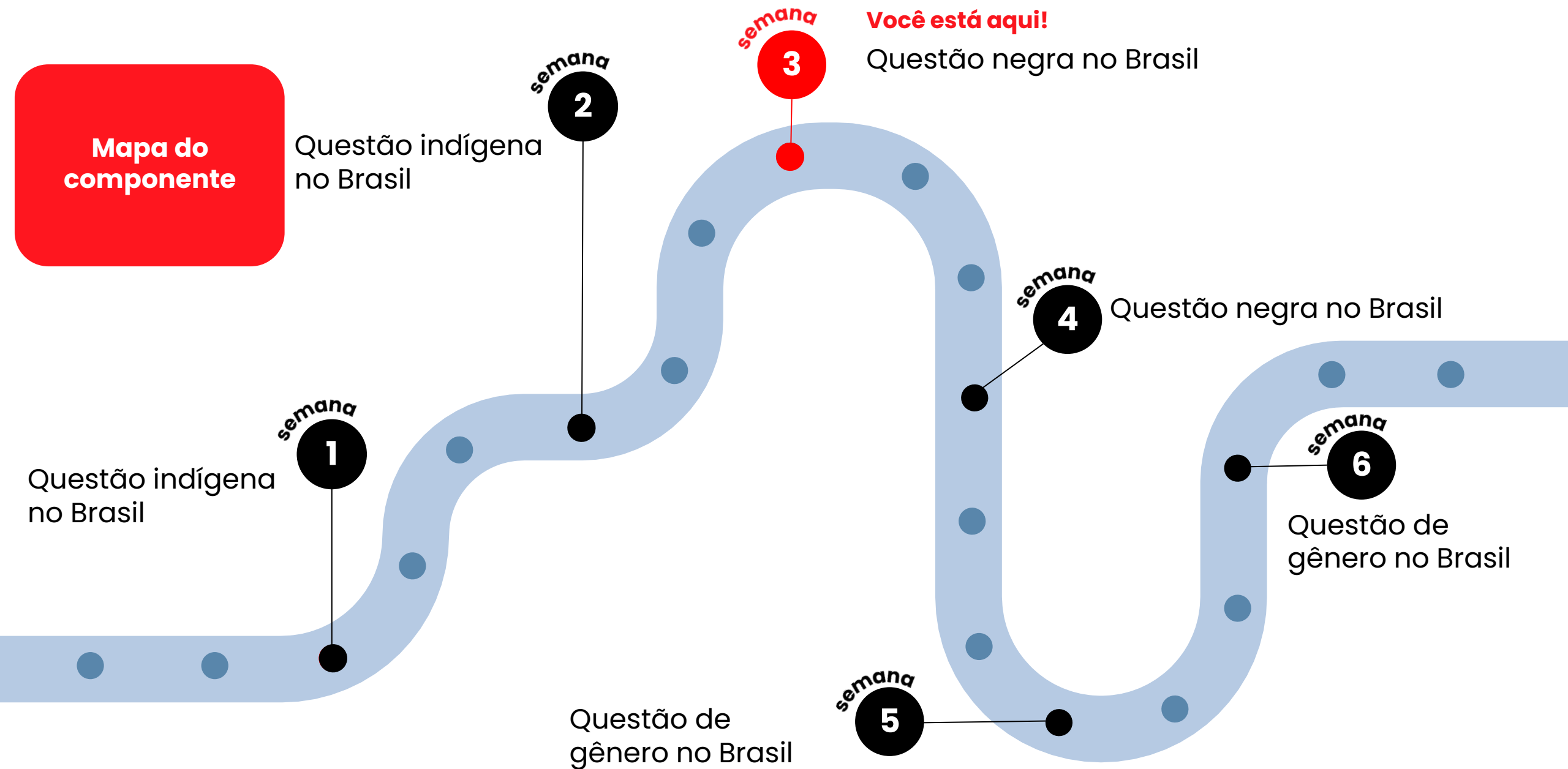
Questão negra no Brasil

semana
6

Questão de
gênero no Brasil

semana
5

Questão de
gênero no Brasil





Objetivos da aula

- Compreender como a Sociologia analisa as relações raciais no Brasil.
- Conhecer a interpretação de Florestan Fernandes sobre a integração do negro na sociedade de classes.
- Discutir o mito da democracia racial e a dimensão estrutural do racismo.



Habilidades

- **(EM13CHS401)** Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
- Analisar criticamente as desigualdades históricas e estruturais que impactam diferentes grupos sociais, compreendendo os mecanismos de exclusão e os desafios enfrentados pelas minorias na luta por direitos e transformações sociais.



Conteúdos

- Integração do negro na sociedade de classes, segundo Florestan Fernandes.
- O mito da democracia racial.
- A dimensão estrutural do racismo no Brasil.



Recursos didáticos

- Computador;
- Projetor.



Duração da aula

50 minutos.

Ponto de partida

Há racismo no Brasil?

Veja a seguinte afirmação:

“No Brasil, todas as pessoas têm as mesmas oportunidades, independentemente da cor ou raça.”



COM SUAS PALAVRAS

Sobre a afirmação, você:

-  Concorda;
-  Discorda;
-  Não tem certeza.

Justifique em duas ou três linhas.

© Flaticon

© Invertexto

Construindo o conceito

Relações raciais no Brasil

As **relações raciais** no Brasil são resultado de **processos históricos** que estruturaram a própria formação da sociedade. Entre esses processos, destacam-se:

- ▶ a **colonização**;
- ▶ a **escravização de africanos e afrodescendentes**;
- ▶ a abolição da escravidão **sem políticas efetivas de inclusão social**;
- ▶ a consolidação de uma sociedade de classes marcada por profundas **desigualdades**.

PARA REFLETIR

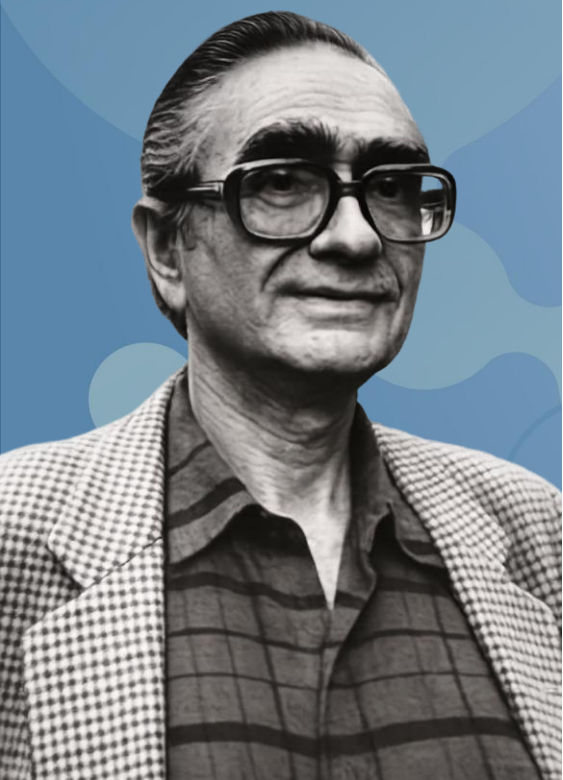
Se muitos acreditam que há desigualdade, por que ainda existe a ideia de que o Brasil é uma “democracia racial”?



Tome nota

A questão negra: para a Sociologia, as **desigualdades raciais** não são apenas heranças do passado, mas **estruturas** que continuam sendo **reproduzidas no presente**.

Construindo o conceito



A integração do negro na sociedade de classes

Para **Florestan Fernandes** (1964), a **abolição oficial da escravidão no Brasil** – em 1888 – **não significou a inclusão efetiva da população negra na nova ordem social**. A passagem para a sociedade de classes ocorreu **sem políticas de integração**, mantendo desigualdades profundas.

Contexto pós-abolição:

- ▶ Fim legal da escravidão $\neq$ inclusão social real;
- ▶ Ausência de políticas públicas para ex-escravizados;
- ▶ Inserção precária no mercado de trabalho (subemprego, marginalização);
- ▶ Competição desigual com imigrantes europeus;
- ▶ Manutenção de hierarquias raciais no novo sistema de classes.

Florestan Fernandes (1920 – 1995)

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Florestan_Fernandes. Acesso em: 14 de abr. 2026.

Construindo o conceito

Integração subordinada

Segundo Florestan, houve uma **integração subordinada** do negro à sociedade de classes: ele **passa a fazer parte do sistema, mas em posições desiguais e desvantajosas**.



Nas cidades, muitos negros passaram a trabalhar como:

- ▶ empregados domésticos;
- ▶ trabalhadores braçais;
- ▶ trabalhadores em serviços informais e mal remunerados.

Foto: Trabalhadores, maioria negros, em obra de túnel no Rio de Janeiro (1920).

Acervo Instituto Moreira Sales, 1920. Disponível em:
<https://acervos.ims.com.br/index.php/Detail/objects/593803>. Acesso em: 23 abr. 2026.



Enquanto isso, empregos mais valorizados (comércio, indústria, cargos públicos) eram majoritariamente ocupados por brancos imigrantes, inclusive europeus incentivados pelo Estado.

Foto: Delegados, maioria brancos, enviados ao 1º Congresso Operário Brasileiro (1906).

Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bc/Delegados_Primeiro_Congresso_Oper%C3%A1rio_Brasileiro.png. Acesso em: 23 abr. 2026.

Consequências: exclusão e desigualdade racial

Construindo o conceito

Foto: Vendedora ambulante negra em conversa com homem no antigo Mercado dos Caipiras, na Rua 25 de Março, em São Paulo (1910).



Para Florestan, a **integração subordinada** da população negra é constitutiva da **formação do capitalismo no Brasil**: a transição pós-escravidão **preservou e reconfigurou as hierarquias raciais** como base da organização e exploração do trabalho livre.



PARA REFLETIR

O que isso revela sobre o racismo: ele permaneceu como era no regime escravista ou se transformou e se adaptou às novas estruturas sociais?

Vincenzo Pastore/Acervo Instituto Moreira Sales, 1910. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/index.php/Detail/objects/172896>. Acesso em: 23 abr. 2026.

**Pause e
responda**

Segundo Florestan Fernandes, como ocorreu a integração da população negra na sociedade de classes no Brasil?

**De forma igualitária, com
acesso às mesmas
oportunidades.**

**De forma espontânea, sem
influência do passado
escravista.**

**De forma subordinada,
mantendo desigualdades
raciais.**

**De forma planejada, com
políticas públicas inclusivas.**

**Pause e
responda**

**Segundo Florestan Fernandes, como ocorreu a
integração da população negra na sociedade de
classes no Brasil?**



**De forma igualitária, com
acesso às mesmas
oportunidades.**

**De forma espontânea, sem
influência do passado
escravista.**



**De forma subordinada,
mantendo desigualdades
raciais.**

**De forma planejada, com
políticas públicas inclusivas.**



Construindo o conceito

Representatividade política no Brasil

Segundo o Censo 2022 do IBGE, a população negra no Brasil (pardos + pretos) é a maioria: **55,5% da população**.

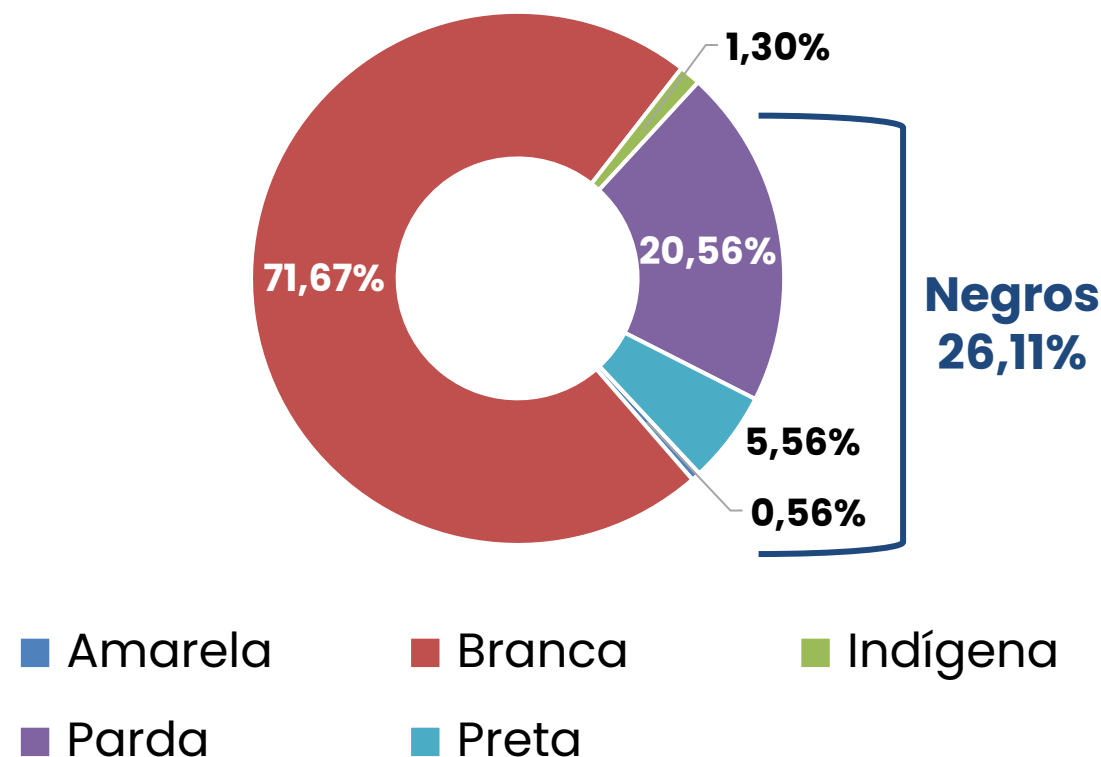


COM SUAS PALAVRAS

- ▶ O gráfico mostra essa mesma proporção no Congresso Nacional?
- ▶ O que essa diferença revela sobre a sociedade brasileira?
- ▶ Se todos têm as mesmas oportunidades, como explicar essa sub-representação?

Deputados federais e senadores eleitos em 2022

Fonte: Senado Federal.



Construindo o conceito

O mito da democracia racial

No Brasil, difundiu-se o **mito da democracia racial**, baseado na ideia de **harmonia entre raças**. No entanto, a sub-representação política da população negra evidencia que:

- ▶ não há igualdade real de oportunidades;
- ▶ a ideia de “democracia racial” é questionável.



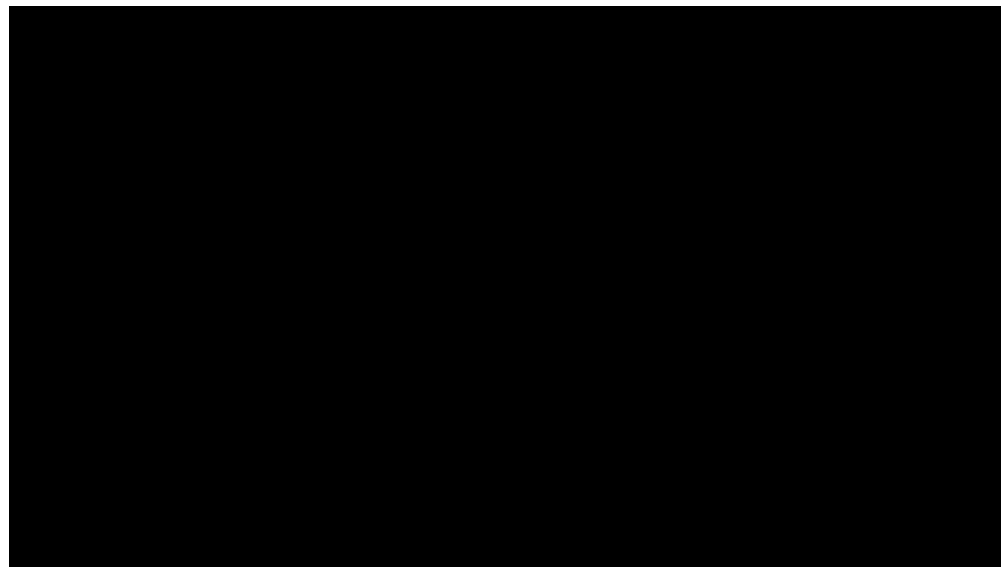
PARA REFLETIR

Assista ao vídeo, identifique um exemplo de como o racismo aparece além das atitudes individuais e reflita:

O racismo no Brasil é:

- ▶ apenas **individual**?
- ▶ ou parte da **estrutura social**?

O mito da democracia racial



INSTITUTO UNIBANCO. Ep. 1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG_XG2Lw&t=1s. Acesso em: 13 abr. 2026.

Construindo o conceito

A crítica de Florestan Fernandes

Para Florestan Fernandes (1964), o mito da democracia racial atua como um **mecanismo ideológico** que preserva a dominação das elites brancas ao:

- ▶ ocultar as desigualdades raciais;
- ▶ impedir transformações efetivamente democráticas nas relações sociais;
- ▶ legitimar hierarquias herdadas do passado escravista.

“ Desse ângulo, o mito em apreço aparece como um fator de retenção do desenvolvimento da ordem social competitiva e democrática. Em vez de ser um elemento de dinamização modernizadora das relações raciais, era uma fonte de estancamento e de estagnação, solapando ou destruindo tendências de caráter inovador e democratizador nessa esfera da convivência social humana. ”

(Fernandes, 1964, p. 237)

Construindo o conceito

Mito da democracia racial

Ideia de que o Brasil seria uma sociedade marcada pela harmonia entre grupos raciais, devido à miscigenação

Oculto o racismo

Nega desigualdades

Legitima privilégios

Mantém elites brancas

Bloqueia mudanças

Dificulta reformas sociais

Naturaliza desigualdades

Hierarquias vistas como "normais"

Herança do escravismo

Mantém estruturas do passado

Ideologia conservadora

Força de inércia social

Impede a democratização

Freia a construção de igualdade real

PARA REFLETIR

Como a crítica de Florestan Fernandes ao mito da democracia racial ajuda a explicar o racismo no Brasil?

Construindo o conceito

O caráter estrutural do racismo no Brasil

O que é racismo estrutural?



MPMG.Oficial. Racismo recreativo | Sobre Tons | MPMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mIGwJaYAFRo>. Acesso em: 14 abr. 2026.

Para Florestan Fernandes, o mito da democracia racial funciona como **ideologia** que, ao produzir uma aparência de igualdade, **oculta e legitima a permanência do racismo na estrutura da sociedade de classes**, bloqueando o reconhecimento e a superação de desigualdades historicamente produzidas. Esse processo evidencia o **caráter estrutural do racismo** na sociedade brasileira.



PARA REFLETIR

Se o racismo não é reconhecido, como ele pode ser combatido?

**Pause e
responda**

Na perspectiva de Florestan Fernandes, o racismo como dimensão estrutural da sociedade brasileira permite compreender que as desigualdades raciais:

resultam principalmente de preconceitos individuais, que, somados, afetam a sociedade.

tendem a desaparecer com o tempo e o desenvolvimento econômico.

são produzidas e mantidas por instituições, práticas sociais e padrões históricos de organização da sociedade.

decorrem sobretudo de diferenças de classe social, sendo a raça um fator secundário.

**Pause e
responda**

Na perspectiva de Florestan Fernandes, o racismo como dimensão estrutural da sociedade brasileira permite compreender que as desigualdades raciais:



resultam principalmente de preconceitos individuais, que, somados, afetam a sociedade.

tendem a desaparecer com o tempo e o desenvolvimento econômico.



são produzidas e mantidas por instituições, práticas sociais e padrões históricos de organização da sociedade.

decorrem sobretudo de diferenças de classe social, sendo a raça um fator secundário.



Colocando em prática

Atividade: a questão racial no Brasil

Analise os seguintes dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) sobre **trabalhadores resgatados em situação análoga à escravidão contemporânea** em 2025, prática que viola os Direitos Humanos e é definida como crime contra a humanidade.

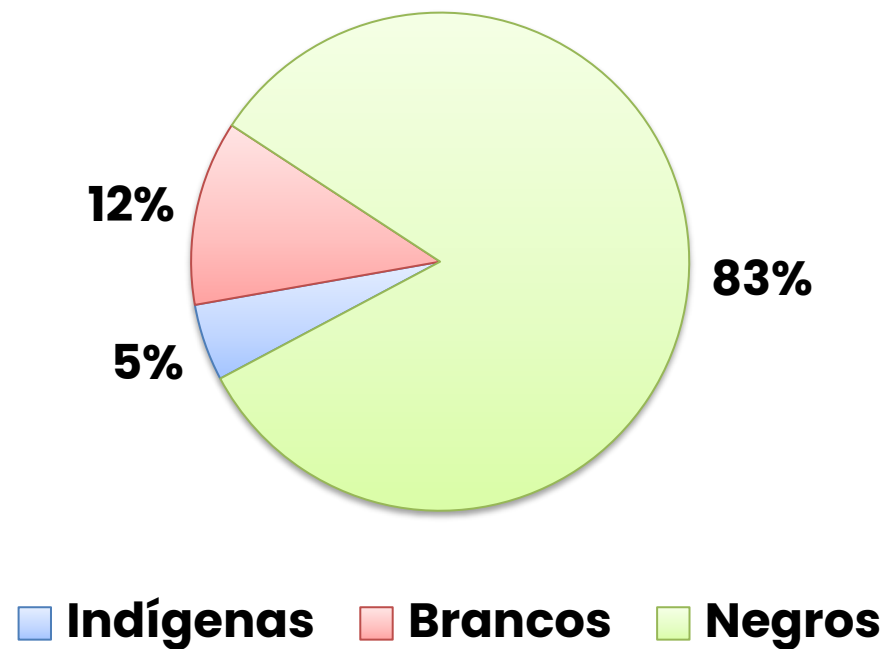
86%

Homens

65% Residentes no Nordeste

26% Entre 30 e 39 anos

76% com até o Ensino Fundamental



**Colocando
em prática**

Atividade: a questão racial no Brasil



COM SUAS PALAVRAS

Em duplas, relacionem os dados com os conceitos abaixo:

- a) Integração subordinada:** como os dados mostram que a população negra foi integrada em posições desiguais?
- b) Racismo estrutural:** o problema é individual ou resultado da forma como a sociedade está organizada?
- c) Mito da democracia racial:** esses dados confirmam ou contradizem a ideia de “harmonia racial”? Por quê?

Elaborem respostas curtas – 2 linhas.

Colocando em prática

Ao analisar o pós-abolição no Brasil, Florestan Fernandes argumenta que o fim jurídico da escravidão não significou a incorporação plena da população negra à nova ordem social, marcada pela expansão do capitalismo, do trabalho assalariado e da urbanização.

Com base nessa interpretação, é correto afirmar que, para Florestan Fernandes, a sociedade de classes no Brasil:

- a) promoveu a integração imediata da população negra, ao substituir a escravidão por relações modernas de trabalho.**
- b) reduziu progressivamente as desigualdades raciais, eliminando os privilégios herdados do período escravista.**
- c) garantiu igualdade de oportunidades entre negros e brancos, embora tenha mantido diferenças culturais entre os grupos.**
- d) incorporou a população negra em condições desiguais, articulando desigualdades raciais e de classe na formação da ordem social.**
- e) rompeu com os mecanismos de dominação racial, mas preservou desigualdades econômicas próprias do capitalismo.**

Colocando em prática

Ao analisar o pós-abolição no Brasil, Florestan Fernandes argumenta que o fim jurídico da escravidão não significou a incorporação plena da população negra à nova ordem social, marcada pela expansão do capitalismo, do trabalho assalariado e da urbanização.

Com base nessa interpretação, é correto afirmar que, para Florestan Fernandes, a sociedade de classes no Brasil:

- a) promoveu a integração imediata da população negra, ao substituir a escravidão por relações modernas de trabalho. ❌
- b) reduziu progressivamente as desigualdades raciais, eliminando os privilégios herdados do período escravista. ❌
- c) garantiu igualdade de oportunidades entre negros e brancos, embora tenha mantido diferenças culturais entre os grupos. ❌
- d) incorporou a população negra em condições desiguais, articulando desigualdades raciais e de classe na formação da ordem social. ✔️
- e) rompeu com os mecanismos de dominação racial, mas preservou desigualdades econômicas próprias do capitalismo. ❌



© Getty Images

**O que nós
aprendemos
hoje?**

Então, ficamos assim...

- 1 A abolição não garantiu inclusão social:** a população negra foi libertada juridicamente, mas permaneceu em condições desiguais na sociedade de classes.
- 2 Raça e classe se articulam:** as desigualdades raciais não desapareceram com o capitalismo, mas passaram a se combinar com as desigualdades sociais.
- 3 O racismo é estrutural:** ele está presente nas instituições e nas práticas sociais, produzindo e reproduzindo desigualdades ao longo do tempo.

Referências da aula

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras;301. Sociologia I; n. 12, 1964. Disponível em:

https://obrasraras.usp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/8877/SOCIOLOGIA_I-N-12_1964.pdf?sequence=1. Acesso em: 24 abr. 2026.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. Brasil: Global, 2007. p. 320.

FREYRE, G. Casa-grande & senzala. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KERN, G. da S. Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: o debate em torno da Democracia Racial no Brasil.

Revista Historiador, [S. l.], n. 6, 2020. Disponível em:

<https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/142>. Acesso em: 08 abr. 2026.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Orientações ao professor

Slide 4



Orientações: o objetivo desse momento é levantar conhecimentos prévios e percepções dos estudantes sobre desigualdade racial no Brasil.



Tempo previsto: 5 minutos.



Condução da dinâmica: sugere-se desenvolver a atividade de sondagem a partir da estratégia de Lemov “com suas palavras”.

- 1. Pergunta disparadora (individual – 2 minutos):** peça que os alunos respondam rapidamente se concordam, discordam ou não têm certeza em relação à afirmação “No Brasil, todas as pessoas têm as mesmas oportunidades, independentemente da cor ou raça”. Peça que justifiquem a partir de uma resposta curta (2 ou 3 linhas).
- 2. Levantamento rápido (coletivo – 2 minutos):** faça uma contagem simples das respostas (levantando as mãos). Anote no quadro o número de alunos em cada opção.
- 3. Problemática inicial (1 minuto):** lance uma pergunta para reflexão (sem aprofundar): *Se muitos acreditam que há desigualdade, por que ainda existe a ideia de que o Brasil é uma “democracia racial”?*
- 4. Encaminhamento para a aula:** explique que a aula vai discutir justamente essa contradição, a partir da análise de **Florestan Fernandes** sobre a inserção da população negra na sociedade de classes, do conceito de **mito da democracia racial** e do entendimento do **racismo como estrutura social**.

Slide 5



Orientações: o objetivo, aqui, é retomar conhecimentos prévios sobre relações raciais no Brasil para embasar os pontos principais da questão negra na perspectiva sociológica, inaugurando a segunda sequência didática do bimestre. A chamada “questão negra” ocupa um lugar central na Sociologia brasileira porque permite compreender como desigualdades sociais foram historicamente produzidas e continuam sendo reproduzidas. As relações raciais no Brasil não são resultado de atitudes individuais isoladas, mas de processos estruturais que acompanharam a própria formação da sociedade. Desde a colonização, instaurou-se um modelo econômico e social baseado na exploração e na hierarquização racial. A escravização de africanos e afrodescendentes não foi apenas uma forma de trabalho, mas um sistema que organizou a vida social, atribuindo à população negra posições de subordinação e desvalorização. Nesse contexto, a ideia de raça foi construída como um critério de distinção e dominação, legitimando desigualdades profundas. A abolição da escravidão, em 1888, não rompeu com essa estrutura. Como será abordado ao longo da aula, **Florestan Fernandes** analisa que a transição para a sociedade de classes ocorreu sem a implementação de políticas que garantissem a inclusão da população negra. Ao contrário, os ex-escravizados foram lançados à própria sorte, enquanto o Estado incentivava a imigração europeia. Isso produziu uma inserção desigual no mercado de trabalho, caracterizada pela precarização e pela marginalização — o que o autor define como uma **integração subordinada**. Nesse processo, o racismo não desaparece; ele se transforma. De uma forma explícita e legal, típica do período escravista, passa a operar de maneira mais difusa, porém estrutural, organizando o acesso a oportunidades, renda, educação e poder. Assim, o racismo torna-se um elemento constitutivo da sociedade de classes no Brasil, e não uma distorção pontual. É nesse contexto que emerge o chamado **mito da democracia racial** — a ideia de que a miscigenação teria produzido uma convivência harmoniosa entre os diferentes grupos raciais. Para Florestan Fernandes, essa narrativa funciona como uma ideologia que oculta as desigualdades reais e dificulta seu enfrentamento. Ao negar o racismo, ela contribui para sua permanência. Do ponto de vista sociológico, a análise da questão negra revela que a desigualdade racial está profundamente articulada à desigualdade de classe. A posição social da população negra não pode ser compreendida sem considerar esse passado histórico e suas continuidades no presente. Indicadores contemporâneos — como renda, escolaridade, acesso ao mercado de trabalho e até mesmo a incidência de formas extremas de exploração, como o trabalho análogo à escravidão — evidenciam que essas estruturas permanecem ativas. Portanto, compreender as relações raciais no Brasil exige reconhecer que o racismo é estrutural: ele organiza práticas, instituições e oportunidades. Essa perspectiva é fundamental para a Sociologia, pois desloca o foco de explicações individualizantes para uma análise crítica das bases históricas e sociais da desigualdade, abrindo caminho para pensar políticas e transformações efetivamente democráticas.



Tempo previsto: 5 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogada. Reforçar que desigualdades raciais são históricas e estruturais. Destacar a noção de “processos históricos” como eixo central. Explorar a relação entre os itens (colonização, escravidão, abolição, sociedade de classes), evidenciando continuidade histórica. Para refletir: promover breve troca em duplas ou pequenos grupos. Utilizar dinâmica de “todos pensam / todos respondem”. Valorizar diferentes hipóteses, conduzindo à sistematização conceitual.

Slides 6 a 8



Orientações: nesse bloco, será apresentada a perspectiva de Florestan Fernandes sobre a integração do negro na sociedade de classes (título de sua tese de doutorado em 1964 e publicada posteriormente). Na interpretação de Florestan, a passagem do Brasil escravista para a sociedade de classes não representou uma ruptura efetiva nas condições de vida da população negra. O ponto central de sua análise é que a inserção dos ex-escravizados ocorreu de forma **subordinada**, isto é, eles foram incorporados à nova ordem social sem acesso real às condições necessárias para competir em igualdade. A abolição da escravidão, realizada sem políticas de integração (como acesso à terra, educação ou proteção ao trabalho), lançou a população negra em um cenário de extrema vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, a modernização econômica — especialmente em regiões como o Sudeste — foi acompanhada por políticas de incentivo à imigração europeia, criando um mercado de trabalho competitivo em que os negros partiam de posições profundamente desvantajosas. Assim, a inserção no trabalho livre ocorreu, em grande medida, por meio de ocupações precárias, instáveis e de baixa remuneração. Florestan enfatiza que essa integração não significou exclusão total, mas uma **inclusão desigual**, marcada por barreiras sociais e econômicas persistentes. A população negra passou a fazer parte da sociedade de classes, porém ocupando sistematicamente suas camadas inferiores. Esse processo limitou a mobilidade social e contribuiu para a reprodução de condições de vida desfavoráveis ao longo das gerações. Outro aspecto importante é que a ordem competitiva que se consolidava no Brasil pressupunha indivíduos formalmente livres e iguais, mas, na prática, não oferecia os mesmos recursos e oportunidades para todos. A competição no mercado de trabalho e na vida social era profundamente assimétrica. Para Florestan, isso revela que a **integração subordinada não é apenas um momento inicial do pós-abolição, mas um padrão duradouro de inserção social**. Do ponto de vista sociológico, essa análise permite compreender que a desigualdade não decorre apenas de diferenças individuais, mas de condições históricas que moldam as possibilidades de ação dos grupos sociais. A integração subordinada evidencia como a transição para o trabalho livre foi insuficiente para promover inclusão plena, resultando em uma participação desigual na sociedade de classes. Essa perspectiva ajuda os alunos a perceberem que “estar incluído” não significa necessariamente estar em condições equivalentes. A noção de integração subordinada permite problematizar a ideia de igualdade formal, mostrando que a forma como os indivíduos entram na sociedade de classes influencia decisivamente suas trajetórias e oportunidades.



Tempo previsto: 15 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogada. A partir da canção de Lazzo Matumbi, provoca-se a reflexão sobre a situação da população negra após a abolição da escravidão no Brasil, destacando as ideias de Florestan sobre a inserção da população negra na sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades e sua permanência atual.

Slides 11 a 15



Orientações: nesse bloco que finaliza a aula e avança na reflexão de Florestan Fernandes sobre a questão negra no Brasil, o objetivo é desenvolver a sua crítica ao “mito da democracia racial” e sua análise do racismo como estrutural na sociedade brasileira. Na interpretação de Florestan, a compreensão das relações raciais no Brasil exige ir além da ideia de convivência harmoniosa entre grupos raciais. Sua crítica ao chamado mito da democracia racial parte da constatação de que essa narrativa funciona como uma **ideologia**: uma forma de interpretação da realidade que oculta conflitos e desigualdades, ao mesmo tempo que legitima a ordem social existente. Segundo Florestan, ao difundir a imagem de um país sem racismo, o mito contribui para desmobilizar críticas e impedir o reconhecimento das desigualdades raciais como problema social. Isso tem efeitos concretos: dificulta a formulação de políticas públicas, reduz a percepção de injustiça e reforça a ideia de que eventuais desigualdades seriam resultado de falhas individuais, e não de processos históricos e sociais mais amplos. Nesse sentido, o autor propõe compreender o racismo como um fenômeno que ultrapassa atitudes individuais ou preconceitos explícitos. Ele se manifesta de forma mais profunda, articulado ao funcionamento das instituições e às dinâmicas da sociedade de classes. Ou seja, o racismo participa da organização das oportunidades sociais, influenciando o acesso à educação, ao trabalho, à renda e às posições de poder. Florestan destaca que, mesmo após o fim da escravidão, as desigualdades raciais permaneceram e foram incorporadas às novas formas de organização social. Isso significa que o racismo não desaparece com a modernização; ele se adapta e continua operando, ainda que de maneira menos visível. Assim, a persistência de desigualdades raciais não pode ser compreendida como resquício isolado do passado, mas como parte das engrenagens que estruturam a vida social. É importante enfatizar que essa perspectiva desloca o foco da análise: em vez de perguntar apenas se há preconceito, passa-se a investigar **como a sociedade produz e reproduz desigualdades raciais**. A crítica ao mito da democracia racial, portanto, não é apenas uma negação de sua validade, mas um convite a analisar de forma mais rigorosa as bases históricas e sociais da desigualdade no Brasil.



Tempo previsto: 15 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogada.

Trilha de exercícios

Para esta aula, é indicado o **exercício 5** do **bloco de conteúdo “Questão negra no Brasil”**. Ele pretende **consolidar** as aprendizagens sobre a integração da população negra na sociedade após a abolição. Esse exercício pode ser feito em casa, de forma autônoma pelos estudantes, ou você pode trabalhar em sala de aula.